

SALOMÃO FERRAZ

A FÉ NACIONAL

Com introdução pelo Dr. Manuel
Carlos de Figueiredo Ferraz, Ministro
do Tribunal de Justiça e Procurador
Geral do Estado de São Paulo.

1932



O. S. A.

CAIXA POSTAL 2415 - SÃO PAULO

IV

No Cenaculo

A MISSA
COMUNHÃO DOS SANTOS
A CEIA DO SENHOR
ENDOENÇAS
A UNIDADE DA IGREJA

A INFLUIÇÃO divina, que em sua salutar graça e virtude, se encontra difusa em toda a vida, apresenta-se naturalmente de um modo mais completo e distinto nos sacramentos, assim como também estes, ultrapassando as raia do seu proprio ambito, esparzem os seus clarões e derramam a sua influencia sobre todos os aspectos da vida, ainda os mais remotos.

Oliver Chase Quick.

O' SENHOR Jesus Cristo, que aos teus Apostolos disseste: A paz vos deixo, a minha paz vos dou: não leves em conta os meus pecados, mas a fé que anima a tua Igreja, concedendo-lhe a paz e aquela santa união, consoante o que tu mesmo exoraste; tu que vives e reinas, Deus bendito, pelos seculos dos seculos. Amen.

Do officio da Missa.

A M i s s a

Missal Franciscano

CAUSARAM extranheza a certa folha religiosa, no Rio, os annuncios que nesta capital fazemos dos officios dominicaes pela manhã como sendo a Missa. Missa? Será isto possivel em uma igreja protestante?

Em uma igreja protestante, de feitio anti-catolico e extremista, seria de certo um contrasenso, um abuso de linguagem, mas não em uma igreja catolica do tipo anglicano, onde o termo é livremente usado, como facilmente se verifica em livros e jornais inglezes e americanos.

Em um país como o nosso, onde o serviço eucaristico é popularmente conhecido por tal nome, não ha razão nenhuma, a não ser de ordem facciosa, para o pôr á margem. E os que repudiam o termo, deliberadamente, é porque em geral se deixaram eivar do espirito modernista que descrê da real presença do Senhor no santissimo Sacramento do seu Corpo e Sangue. Não aceitam a Missa, porque, como afirmam, esta palavra envolve idéas complexas e transcendentales que a sua teologia simplista não comporta.

O que importa ser trazido, pois, ao campo da discussão, não é propriamente a palavra "Missa", posto que as razões que alguns alegam para celebrar o sacramento em lingua estranha não sejam tão fortes quanto os motivos que induzem outros a fazê-lo em vernaculo. O que porém é muito mais discutivel, diga-se com verdade, são as doutrinas sacramentais dos que impugnam o emprego de um termo assim tradicional. Estarão eles porventura

certos na sua teologia simplista, zwingliana, que reduz a Eucaristia a um ato comemorativo puro e simples? Porque é esta, afinal, a única teoria que se pôde deduzir das suas palavras, da sua prática, e das suas atitudes, embora alguns deles, em suas formulas doutrinarias, ensinem diversamente. Tal é o que se dá, particularmente, com os que adêrem aos padrões doutrinarios de Westminster.

Que a Santa Eucaristia tem um aspecto comemorativo, não resta duvida alguma, como se verifica dos proprios termos da instituição. Mas que seja este o unico aspecto, isto é outra questão. Quando se edifica uma igreja ou estabelecimento de ensino em memoria de alguém, o fim mais visível, mesmo no frontispicio, é o de prestar homenagem a um benemerito; mas o fim mais profundo, o mais substancial é o de promover a causa da religião e do ensino. E seria insensatez alguém cuidar que essa igreja ou escola, instituida como memorial, tem como fim exclusivo perpetuar a lembrança do doador ou homenageado. Assim é também com a instituição da Eucaristia: vista superficialmente, é um simples memorial; porém examinada mais de perto, e praticamente exercitada, com fé e devoção, é um real sacramento, pelo qual, de uma maneira inefável, nos tornamos participantes da personalidade integral de nosso Senhor Jesus Cristo. Chamem a isto *transubstanciação*, *consubstanciação*, ou *virtualização*, subsiste o fato indizível da real presença do Senhor, de uma forma toda especial, no sacramento do seu Corpo e Sangue.

Seja qual fôr o nome, Eucaristia, Santa Ceia ou Missa, o fato é o mesmo, e esta tem sido a crença da Igreja desde os dias apostolicos.

Não é porém de bom aviso excluir o vocabulo *Missa* da terminologia religiosa, e isto pelos seguintes e principais motivos, que nunca é demais repeti-los:

1.º E' um termo breve, conciso, encontrado desde os dias de Santo Ambrosio no seculo IV, de origem provavelmente (1) hebraica (*missah*, tributo, sacrificio voluntario), e com o qual se formava a expressão que despedia os catecumenos e os não comungantes após a parte didactica do serviço, *Ite missa est*, "Ide-vos, que a missa vai entrar". Pela sua amplitude, adquirida atravez de um longo processo de associação de idéas, durante seculos, tornou-se alfim o termo que melhor exprime a Instituição na opulencia dos seus multiplos aspectos — memorial, adoração, sacrificio, remissão de pecados, fraternidade, comunhão, unidade, participação, penhor da vida eterna. Outros termos expressam apenas um desses aspectos. "Eucaristia", por exemplo, significando ação de graças, representa especialmente o tributo de louvor que se rende a Deus por esta forma excelsa de culto; "Santa Ceia", o lado utilitario do proveito que se auferê á mesa do Senhor; "Comunhão", o feito social com relação a Deus e á irmandade dos crentes. Mas a palavra "missa", pelas razões acima expostas, é a que melhor representa, em sintese, a multiforme riqueza do ato supremo do culto dos cristãos.

2.º E' um termo consagrado pela usança devota do povo. A sua exclusão, e por maneira acintosa, importa em sufocar sentimentos tradicionais de piedade, que deviam ser antes conservados com carinho, ainda que expurgados, se necessario, de quaisquer idéas ou praticas porventura irrelevantes. Esse açodamento de inverter tudo, especialmente em questões de nomenclatura, representa uma politica mesquinha de odios e preconceitos, em prejuizo da fraternidade cristã e das grandes realidades espirituais.

(1) Ha outras explicações da origem do termo, mas esta é a que se nos afigura mais plausivel.

3.º O banimento desta palavra, do falar religioso, segundo a alegação dos próprios que a impugnam, é por motivo da complexidade das idéas que ella envolve — real presença, expiação, aplicação da sufficiente redenção na cruz em beneficio dos fieis, vivos e defuntos, ao passo que a Eucaristia, segundo eles opinam, é um méro simbolismo comemorativo, de virtude espiritual apenas indirecta. Mas, neste caso, é que o termo deve ser zelosamente conservado, visto expressar a realidade mística, complexa e opulenta do culto eucarístico, segundo o ensino da Escritura e a tradição cristã dos seculos.

4.º O cancelamento desta palavra, como alguns pretendem, significa uma attitude sectaria e infraternal para com multidões de cristãos no oriente e no occidente. Se o fim de uma obra religiosa é o de fazer partido e desagregar as almas, vai muito bem esta attitude. Se porém o seu fito é promover a fé e edificar o Corpo de Cristo, a Santa Igreja, mediante a comunhão dos santos com a sua visivel expressão no altar da Eucaristia, então convem manifestar o maximo respeito por tudo o que representa as legitimas tradições religiosas do povo.

Este, parece-nos, é o caminho de uma obra cristã intelligente, conscienciosa, bem alicerçada, construtiva, pela razão de que se afirma sobre o duplo fundamento da verdade sem eiva de sectarismo, e no espirito de caridade que irmana os fieis todos em Cristo, no seu santo Evangelho, bem como na Igreja una, catolica e apostolica.

*

* *

Poder-se-á dizer, com acerto, que a Missa é um sacrificio? A resposta a esta pergunta depende da idéa

que se tem da Instituição de nosso Senhor Jesus Cristo. Se a Eucaristia é uma pura e simples comemoração, como alguns querem, então não resta a menor duvida de que qualquer idéa de sacrificio, ligada ao ato em si, é inteiramente descabida. Mas se na Comunhão ha uma real participação no sacrificio de Cristo, de modo que nos tornamos "participantes do seu abençoadissimo Corpo e Sangue", mediante os quais ele ofereceu-se em sacrificio por nós, então não é possivel remover da Eucaristia a idéa de sacrificio. Nós nos apropriamos do sacrificio de Cristo e nos oferecemos juntamente com ele a Deus. Na cruz ele se ofereceu uma só vez ao Pai, em sacrificio por nós, mas na Eucaristia nós, por meio dele e com ele, nos oferecemos a Deus. E' ele, Cristo, quem torna o nosso sacrificio aceitavel, como o foi o do justo Abel e o sacrificio de Abrahão, oferecidos pela fé, antecipada, no Salvador.

E' esta a opinião de todos os escritores que versaram com imparcialidade o assunto. Hastings, por exemplo, no seu Dicionario Biblico em um volume, assim se externa: "A Eucaristia, portanto, é um sacrificio, não como a comemoração da morte de Cristo, mas como meio de participação no Cordeiro Pascoal, que foi morto por nós (1.ª Cor. 5:7), na oblação do Corpo de Cristo, feita uma vez sobre a cruz (Hebr. 10: 9; João 19:36; 1.ª Cor. 10: 17).

E o escritor presbiteriano, o Dr. H. J. Wotherspoon, no seu livro recente, "Religious Values in the Sacraments", assim se exprime, sem equívocos, sobre o mesmo assunto, citando as palavras de Dean Inge, com as quais se declara de pleno accordo: "Para nós a Santa Comunhão é um sacrificio — o sacrificio de nós mesmos, de nossos corpos e almas, que por ele nós consagramos a Deus; é comemoração de um sacrificio — o de Cristo sobre a cruz; é tambem a representação de um sacrificio — o do Filho

de Deus, considerado como um ato eterno. Com referência a este ultimo, nós podemos dizer, se quizermos, usando linguagem popular, que nós estamos fazendo na terra o que Cristo está fazendo nos céus; e estamos seguramente certos quando insistimos que o Sacrifício no Calvario tem o seu lado eterno e portanto perpetuamente ativo; mas devemos lembrar que é o ato eterno que nós estamos simbolicamente representando, e não é o ato temporal que estamos repetindo ou continuando, quando celebramos a Eucaristia". (Pag. 247).

E quanto ao 31.º dos Artigos de Religião no Livro de Oração Comum, em que se condenam os sacrificios das Missas, deve-se observar, como faz ver um escritor anglicano, que ele somente condena o sacrificio de Missas em que se afirmava a doutrina heretica da reiteração do sacrificio de Cristo na Eucaristia, como distinto da continuação comemorativa da unica oblação que foi uma vez oferecida, indicada nas palavras "Anunciais a morte do Senhor até que ele venha" (1.ª Cor. XI: 26); e especialmente contra a inferencia que se tirava, na idade media, de que o sacrificio da cruz era uma expiação pelo pecado original, e que o sacrificio da Missa era uma expiação pelo pecado atual, doutrina esta que o Concilio Tridentino aliás repudiou também, em termos peremptorios. *decur*

E a propria liturgia da Comunhão, no Livro de Oração Comum, corrobora o uso do termo "sacrificio", quando diz: "que aceites este nosso *sacrificio* de louvor e ação de graças". A que se refere a Liturgia, quando fala neste "sacrificio de louvor e ações de graças"? Refere-se inequivelmente a todo o ato do culto eucaristico que, todo ele, em cada uma de suas partes essenciais, é um ato de louvor e ações de graças, e portanto compreendido sob o titulo de sacrificio. E, pouco mais abaixo, declara que somos "indignos de oferecer-te sacrificio algum", sugere-

rindo claramente que o sacrificio que não estamos em condições de oferecer por via da nossa indignidade, nós o oferecemos mediante Jesus Cristo, por meio do qual, e do seu santo sacrificio, nós temos aceitação com o Pai.

Não resta pois a minima duvida de que a idéa de sacrificio, em conexão com a Eucaristia, longe de ser uma idéa irrelevante ou condenavel, é uma idéa basica, essencial, fundada na Escritura, nos melhores autores que versaram o assunto, e nos proprios termos do Livro de Oração Comum.

Eliminar portanto da Eucaristia o aspecto de sacrificio, como alguns querem, é um erro grave, a que se deve intransigentemente resistir, pelas seguintes razões:

1.ª — Porque degrada o Sacramento, fazendo dele apenas um ato por assim dizer teatral, sem nenhuma outra virtude senão a de ilustrar o ensino religioso. Os que rejeitam a idéa do sacrificio eucaristico não admitem geralmente a da real presença, na acepção tradicional.

2.ª — Banida a idéa sacrificial do ato eucaristico, não se pôde mais resistir a essa tendencia fatal de derogar o efeito piacular ou expiatorio da morte de Cristo, e que faz dela um mero exemplo de virtude, como pretende certa escola moderna superficial, que está causando imenso maleficio á integridade da fé nas comunidades evangelicas. *(expiatorio)*
(piacular delicto)

3.ª — Porque a eliminação de toda a idéa de sacrificio, na Eucaristia, visa, além do mais, atribuir aos irmãos catolicos romanos, para nos indispor contra eles, um erro medieval: o da dualidade distinta de sacrificios, o da cruz e o da missa, com efeitos separados — erro que ha seculos, como temos visto, foi formalmente condenado pelo proprio Concilio de Trento.

De certo que não se poderá levar sinceramente á conta de virtude certo empenho, mais nescio mesmo que malicioso, de semear desinteligencias e acentuar prevenções entre os varios grupos que procuram lealmente servir a Nosso Senhor Jesus Cristo. Para se alcançar a desejada unidade entre os cristãos, e tornar coeso e irresistivel o seu testemunho á face do mundo, consoante o desejo do Mestre, ha tres condições absolutamente indispensaveis: sincera devoção a Jesus Cristo, zelo ardente pela expressão pura da verdade, e generoso amor pela universal irmandade dos crentes.

"A caridade não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas regozija-se com a verdade".

ao homem

Comunhão dos Santos

NÃO nos podemos furtar, aqui, ao dever de explicar a razão por que empregamos desassombradamente certos termos; no bom sentido, na sua real acepção, é exato, mas sem os preconceitos que muitos nos julgam na obrigação de acalantar. Mas a todos diremos, de uma vez para sempre, que absolutamente não temos compromissos partidarios nas opiniões que emitimos, nem nos termos que empregamos. Quanto ás opiniões, só uma lei reconhecemos: a da verdade. E no que toca aos termos, damos sempre a preferencia aos que melhor expressam a verdade, sem a qual não poderão os homens ser livres nem unidos; e isto a despeito do clamor da ignorancia ou do espirito faccioso. Consentir que um nobre termo seja espoliado do seu real sentido e tratado com indignidade, é ser conivente com a perpetuação do erro que fomenta prejuizos e que malquista os homens uns com os outros. E' destruir em vez de edificar. Os homens de retas intenções, que prezam mais a verdade que os partidos, far-nos-ão justiça.

Estranham alguns que nós, querendo designar o sacramento da Eucaristia, não evitemos o uso de um termo que soa tão mal aos seus ouvidos. E assim nos incriminam tambem pelo emprego de outros vocabulos que lhes parecem suspeitos, apesar de consagrados pelo uso dos seculos. Anuíriamos, de bom grado, aos seus desejos, se grandes principios não estivessem em jogo. Não temos nenhum prazer em dar escandalo, e muito menos em

ver amigos a olhar-nos com suspeita e a fugirem de nós como a um ente perigoso. Uma cousa somente lhes pedimos: é que nos ouçam, e depois então ajuizem como entenderem. Perante um grande tribunal estamos, antes mesmo do supremo Juízo: é o tribunal da conciencia publica, a quem nos dirigimos, sem consultar melindres descabidos de seitas, sejam elas quais forem. O nosso maior desejo é concorrer para firmar na conciencia dos nossos patricios conceitos justos e, por meio deles, estabelecer a concordia que deve reinar entre os homens, e em particular entre os que se acolhem sob o mesmo pavilhão.

A verdadeira religião, no Brasil como em toda parte, será melhor representada pelos que souberem acordar a fé nas almas, sem inculcar-lhes o virus da prevenção descaridosa contra irmãos, assinalados, como eles, pelo mesmo batismo em nome do Deus Trino e que adoram, nos seus altares, o mesmo Cordeiro que foi morto e vive pelos seculos dos seculos. Estas considerações são ainda os ecos da solene celebração do dia de Todos os Santos.

E' por isso que tambem não temos medo de dar á Eucaristia o nome por que é mais popularmente conhecida, no Brasil e em toda parte — a Missa. Os que impugnem este termo, o fazem, como já se disse, por dois motivos principais, ambos igualmente condenaveis:

1.º Por ignorancia da real natureza da Instituição do Senhor, pois pretendem fazer dela um mero simbolismo, uma simples figura, sem realidade concreta e objectiva. Não acreditam na Real Presença, e fazem da Eucaristia um mero acto social de natureza religiosa. A palavra Missa lhes repugna, principalmente porque lhes sugere um sacramento no sentido verdadeiro e tradicional, desde os tempos apostolicos; e para eles tudo não passa de linguagem figurada. Os que julgam ser a Biblia a unica regra de fé, fariam bem de examinar mais cui-

dadosamente, sem "parti pris", os termos fortes da Escritura sobre este assunto.

2.º O banimento proposital da palavra Missa é de natureza descaridosa, com o fim de levar descredito ao Sacramento do Altar celebrado por uma multidão de fieis que o conhecem e o tem no mais alto respeito com aquelle nome. Excluí-lo, pois, acintosamente, do vocabulario religioso, é fomentar o espirito de prevenção e de seita entre os crentes e contrariar os fins explicitos da instituição do Salvador, e que por esse motivo recebe o nome, altamente significativo, de Santa Comunhão. De fórma alguma pretendemos endossar ou coonestar abusos que se têm feito, e se fazem com a Missa, mas queremos simplesmente remover do termo o opprobrio injusto que se lhe tem irrogado. Ninguém cura olhos enfermos por arrancá-los, mas provê os meios apropriados para restituir-lhes a saude, a eficiencia. Assim o é tambem com as cousas sagradas.

O grande pecado, denunciado por S. Paulo, era o de não se discernir o Corpo do Senhor. Ora o Corpo do Senhor não é sómente o Corpo que foi pregado na cruz, nem o Corpo sob a fórma sacramental da Eucaristia, mas é a Igreja, que é insistentemente chamada o Corpo de Cristo. Pecar, pois, contra a fraternidade cristã, por mandonismo, á maneira de Diotréfes, ou por sectarismo, como os de Corinto, é ultrajar o Corpo de Cristo, é não discernir o Corpo do Senhor. Era o que se dava em Corinto, onde os bandos facciosos se degladiavam, em desafio da finalidade fraternal da Mesa do Senhor, e o apostolo lhes faz ver as consequencias: muitas mortes prematuras no seio da comunidade, e outros que guardavam o leito, enfermos, como sinal do desagrado de Deus.

E a fraqueza da Igreja, hoje, debilitada e dubia em face de poderosas correntes subversivas, não sabendo

fazer outra coisa senão mostrar-se dividida — uma parte dando mão forte ao despotismo, e outra formada na direção da demagogia dissolvente; a fraqueza morbida da Igreja, em nossos dias, tem a mesma origem, em que pese aos que se julgam inculpáveis: o desprezo da fraternidade cristã, a obtusidade em discernir o Corpo do Senhor. Ha também hoje muitos enfermos, e muitos que dormem, em todos os sentidos, ao passo que as forças do mal crescem e se avolumam de um modo apavorante.

Restaurar, pois, na Igreja a conciencia da sua unidade em Cristo, removendo, para isso, tudo quanto possa trazer equívocos ou mal entendidos entre os fieis, e tudo promover em direção á paz, á harmonia, ao senso fraterno, ao amor — é a obra mais urgente e imprescindível em nossos dias. Será inútil, sem isto, ou sem este espirito, pretender ensinar religião nas escolas; e inúteis também os dispendiosos congressos de escolas dominicais. Porque qualquer religião que ensinarem, com espirito autoritário ou faccioso, o que vem dar na mesma, será tudo o que quizerem, menos a verdadeira religião sacramental do Principe da Paz, o que de dois fez um, derrubando o muro da separação, reconciliando os homens com Deus e uns com os outros, matando a inimizade pela cruz. (Efesios 2:14-17).

A maior necessidade no Brasil, presentemente, é de uma religião mascula, forte, crente de veras na Real Presença do Senhor, não sómente em teoria ou em termos dogmaticos, mas também na pratica. Religião valida, robusta, livre, desassombrada á vista de quaisquer imposições indebitas, nacionais ou peregrinas.

O espirito generoso, fraterno, magnanimo, é o apanagio dos fortes, dos bem fundamentados; o espirito de intolerancia, de despotismo, ou de exploração demagogica que busca dividir os homens para melhor os dominar,

é o distintivo dos fracos — mentalidades farisaicas que são capazes de rodear a terra e o mar para fazerem um proselito e, depois de feito, o tornam em dobro mais digno do inferno do que eles mesmos: mais intolerante, mais fanatico, mais obstinado e insolente.

O espirito cristão é humilde, é contrito, é reto, é compassivo, é puro, é conciliador, é corajoso e leal. E' sómente neste espirito que as almas realmente se edificam na Santa Igreja Catolica, e na verdadeira Comunhão dos Santos.

EM plena Semana Santa, não é lícito permitir que os nossos pensamentos se desviem dos fatos estudados que estes dias rememoram. Repassemos-os, pois, pela nossa mente, não apenas com o fito de provocar emoções, muitas vezes inocuas, mas com o propósito de penetrar-lhes no real alcance para a humanidade, e muito em particular para o aspecto hodierno da vida.

Será inútil apelar para os homens que pertencem apenas ao século, e não levam em conta os fatores de natureza espiritual e religiosa. Aos homens de fé, aos que professam deveras a religião, com lealdade àquela fé singela e máscula que "uma vez foi dada aos santos" é que se dirige o apelo de Jesus Cristo. Quando, em certa ocasião, as multidões seguiam o Salvador ao ermo, onde ele esperava estar a sós e descansar um pouco, achavam-se elas em condições bem críticas, desprovidas do pão de cada dia. Opinaram os discípulos que as turbas deviam ser despedidas e dispersadas, afim de se arrumarem como pudessem, ou que, pelo menos, não sofressem penúria ou desgraça na presença deles. Despedir vãs almas necessitadas e famintas tem sido sempre o alvitre de uma fé mediocre e vacilante. Porém a ordem peremptoria de Jesus foi esta: "Dai-lhes vós outros de comer."

Aos discípulos de Cristo, naquele dia, é que coube a tarefa sobrehumana de resolver a situação de crise em que se encontraram as turbas.

Era um espetáculo empolgante. O povo, aos mi-

lhares, reclinados em grupos, em ordem, sobre a verde relva, ao passo que os discípulos levam ao Mestre a minguada provisão de que dispunham. E o Senhor, tomando os pães, com os olhos voltados para o céu, em ação de graças, reparte os pães pelos discípulos, e estes os levam, juntamente com os peixes, e os apresentam ao povo, que come á saciedade e sente-se feliz. Aquele que nos manda pedir o "pão nosso de cada dia", pôde satisfazer, da melhor forma possível, ás nossas necessidades de ordem temporal.

Mas o que aquele povo não entendia então, e os proprios discípulos mal conheciam, é que ha necessidades de ordem mais alta que as de natureza fisica e temporal. "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará." O problema dos homens não é puramente economico, mas é essencialmente espiritual. Pretender a solução de questões frumentarias, sem atacar o mal em sua séde mais profunda, é trabalho inútil. Não quer isto dizer que as necessidades de ordem terrena só devam ser tratadas depois de preenchidas aquelas de categoria espiritual e mais alta. Nosso Senhor, pelo seu ensino e exemplo, mostra o contrario. Mas ele passou do milagre dos pães e dos peixes, em Bethsaida, para o milagre do Pão da Vida, afirmado no seu memoravel discurso em Cafarnaum.

O mundo, hoje, sente-se inquieto. Pensam alguns que a crise será debelada com o talisman de alguma mudança de regime. Mas a grande necessidade dos homens é de outra natureza que os bens temporais não podem suprir. Sentem o mal, mas não o podem definir nem localizar. Precisam de Deus, de ideal, de fé. E a quem cabe a grande missão de os conduzir ás fontes das aguas vivas?

E' essa a missão da Igreja, que deve ser encontrada á altura da sua tarefa e das suas oportunidades.

Mas o embaraço, ás vezes, parte dos proprios discipulos do Senhor, que prefeririam estar a sós com o Mestre, em retiro, do que ocupar-se com extenuantes questões sociais. Mas o mandamento do Mestre é ainda o mesmo: "Dai-lhes vós outros de comer".

Os que podem ministrar tambem o pão da vida, o pão espiritual, são os que devem ter a precedencia na obra de reconstrução das condições economicas e sociais do mundo.

Porém a Igreja, na sua acepção geral, sente-se tolhiça em seus movimentos, sem poder assumir, como lhe compete, a liderança pujante nestes grandes problemas. Algumas cousas lhe faltam, e que cumpre com franqueza assinalar. O distintivo mais nobre dos fieis, como individuos ou como agremiação, não é uma presumida infalibilidade, mas a sua humildade e contrição. O verdadeiro espirito da Igreja não é o que se julga acima de todo erro e fraqueza, mas é aquele que humildemente os confessa, que se arrepende e continuamente se reforma. O real espirito cristão recebe as palavras de advertencia e não se revolta contra os que lhe apontam o melhor caminho.

A' Igreja cristã, em nossos dias, falta o espirito de fé, o espirito de santa ousadia e aventura. Tem descendido com o espirito do seculo e com as tendencias erroneas do povo. Como Aarão, tem-se prestado a corroborar praticas supersticiosas e dissolventes. Em vez de levantar o povo, tem-se amoldado ao seu feitio, á sua ignorancia, aos seus preconceitos, ás suas paixões. E tem-se feito instrumento docil nas mãos dos prepotentes, abandonando o povo comum á sua propria sorte. Tem-se prosternado ante o idolo do officialismo e da burocracia, e a verdade tem sido sacrificada ao comodismo individual. Ha homens que têm a visão nitida da verdade, mas falta-lhes fé e en-

vergadura moral para assumir atitudes retas, destemidas, varonis.

Porém um mal nunca vem só, mas é a consequencia de outros não menos condenaveis. A Igreja sofre sobretudo pela sua falta de espirito fraternal. A desunião entre os crentes enfraquece sobremaneira a acção social da Igreja. O corpo de Cristo, a comunhão dos fieis, tem sofrido as maiores torturas da parte dos proprios que fazem praça de o seguir. De um lado o autoritarismo de feitio cesarista, em contraste com o espirito humilde e generoso do Mestre, e de outro lado o espirito facioso e irreverente, todos têm conspirado para enfraquecer a ação da Igreja perante as forças adversas do seculo.

Certamente que alguma coisa vae lamentavelmente errada nos arraiaes dos crentes. Não sabem ser unidos. Não sabem discutir as suas diferenças senão com anatemas e excomunhão, quando não lhes é dado pôr em pratica processos mais sumarios.

E o dia memoravel de Endoenças, lembrando a instituição original da Eucaristia, o banquete da irmandade deve provocar-nos á penitencia e á mudança de rumo em nossas atitudes. A mesa do Senhor é a expressão da fraternidade, assim como da fé, e não o pomo de discordia, em que tem sido transformada pela fragilidade humana. Em vez de se hostilizarem os cristãos uns aos outros, neutralizando-se mutuamente na sua influencia contra as potencias tenebrosas, melhor fora que intercedessem uns pelos outros, com animo humilde e caridoso.

Se a mesa do Senhor não produz tantos homens fortes, destemidos, como fôra de esperar-se do seu potente dinamismo, mas, pelo contrario, em grande escala fomenta certa religiosidade doentia, anemica, invertebrada, é por motivo das dissensões, e da descrença, e dos transvios reinantes. "Por essa razão —

*solemnicidade
de 50/1924
santa*

dizia São Paulo aos Coríntios — é que ha entre vós muitos enfermos, e muitos que dormem”.

O mundo, enfermo, tem necessidade da atuação da Igreja. Porém esta só será eficiente, si for animada de uma fé robusta, emancipada, imperterrita, retemperada na forja crepitante da fraternidade e do amor entre os cristãos.

E' este o sentido, e a finalidade suprema, da Ceia do Senhor.

* Que não se torne
* de te mi da.

E n d o e n ç a s

* estudo dos
monstruosidades.

ENTÃO o senhor acredita na *transubstanciação*? E' a pergunta que frequentemente nos fazem, com certo ar de horror, como se se tratasse de alguma entidade teratologica monstruosa. E uma das cousas mais lamentaveis é ver-se a incredulidade, de mãos dadas com a ignorancia, empenhada em trazer o descredito aos mais estupendos aspectos da religião de Jesus Christo.

A' pergunta supra nós respondemos, sem hesitar, na afirmativa, mas em termos. Cremos, sim, na transubstanciação; cremos que as especies pão e vinho, usadas na Eucaristia, depois de consagradas, deixam de ser méro pão e vinho, para se tornarem algo diferente, da mesma fórmula que uma folha de papel, depois de escripta, passa da categoria de simples papel para ser alguma cousa de ordem mais alta — carta, poema, documento; como um pedaço de pano, pintado com as cores nacionaes, segundo um determinado desenho, não é mais simples estofa, mas é a bandeira da patria, e que, como tal, é objeto de honras publicas.

Ninguem deixa de reconhecer o valor do papel moeda, para fins praticos, a despeito dos elementos materiais e precarios de que é formado. E' que naquella peça de papel está o selo do governo, da autoridade publica, e por isso ninguem põe em duvida o seu valor.

Cumpre todavia notar que o termo *transubstanciação*, como empregado por aqueles que o impugnam,

está inteiramente desvirtuado do seu real sentido. Tem-se confundido matéria ou materialidade com substância. São cousas diferentes. Substância inclui não sómente matéria, mas também forma, ação pessoal e designio inteligente. Certo é que, em cousas rudimentares ou não desenvolvidas, substância se confunde com matéria. Em uma pedra, por exemplo, não ha diferença entre matéria e substância. Mas se um artista toma o bloco de granito e, com ele trabalhando, o esculpe e cinzela, fazendo dele uma estatua, muda-se então a substância, que já não é mais pedra, mas uma obra de arte, uma escultura, um monumento. Permanece o granito, é certo, mas como um simples acidente; porém a substância, incluindo a forma e o designio, em que é visível a atuação de um elemento mais alto, o artista, é agora de outra natureza, pertence a outra categoria, como o proprio nome o indica. A substância de um livro, em que consiste? No papel? na disposição das folhas? na tinta da impressão? na encadernação ou nas capas? A substância de um livro, como claramente o entendemos, está no seu conteúdo, nos elementos espirituais que fazem a sua essência e a sua razão de ser, e no proposito colimado pelo autor.

Se entramos aqui a discutir um termo que a muitos se afigura antiquado, sutil, rebuscado ou inconveniente e que, no seu entender, seria melhor deixá-lo á margem — é por dois motivos principais e igualmente imperiosos. O primeiro, é que a ignorancia tem feito dele um espantinho, uma bandeira de discordia e um pretexto para dissensões no mundo cristão. O segundo, e não menos ponderoso, é que não ha outro que o possa substituir para bem expressar, com segurança, o fato indizível da real presença do Senhor no sacramento do seu Corpo e Sangue. Quando se exclue este

termo, pretendendo-se ainda manter a doutrina da Real Presença, o resultado pratico é, quasi sempre, a descaída para a posição zwingliana do méro simbolismo. E por isso, em vez de pôr de lado um termo destes, consagrado pelas maiores mentalidades religiosas dos seculos, será melhor escoimá-lo de todo sentido irrelevante, e deixá-lo no seu lugar, como a expressão forte e vívida do fato transcendente da real presença e sua maxima expressão cultural no altar da Eucaristia.

Não haja portanto motivos de tropeço em um vocabulo tão proprio e de tão nobre procedencia como este — *transsubstanciação* — e que tão admiravelmente representa as boas novas do céu a um mundo a pique de perecer. E nem nos deixemos também levar por quaisquer *fobias*, quer do receio de superstição ou de pretensões cesaristas. Contra a superstição, se a houver, não ha outro remedio como a instrução, mas instrução competente, ampla, saudavel. E o perigo do clericalismo, e das pretensões malsãs de predomínios que alguns temem, aliás com razão, será obviado, não pela panacéa dissolvente do modernismo incredulo ou de uma religião invertebrada, sem dogmas, mas pela afirmação dos principios de um catolicismo viril, robusto, sem indiscretas dependencias de tutelas regionais de Jerusalem ou Antioquia, de Alexandria ou Roma, de Londres ou Nova York, mas fortemente vinculado á séde suprema de poder, de autoridade e luz — “a Jerusalem que é de cima, que é livre com seus filhos, a qual é mãe de todos nós”.

*
* *

O poder publico póde transmutar um pedaço de papel em valor monetario, pela sua simples autoridade.

de legal; e Deus então não poderá fazer também com que os elementos pão e vinho, solenemente consagrados pela oração e invocação do Espírito Santo, pela ordenação do próprio Cristo, se tornem para nós, para os nossos corpos e almas, verdadeiro alimento celestial, *real e substancialmente* o Corpo e Sangue do Senhor?

E note-se que os fatos da religião de Jesus Cristo visam sobretudo a fins praticos — produzir o espírito de reverência e adoração, com a consequente santidade de vida, e não fins teóricos e especulativos, para pábulo de espíritos curiosos e inquietos. Com um pequeno fusil um homem percurte um pedacinho de pedreira que trás no bolso e tira fogo, acende o lume, e não se ocupa com as razões por que se produz um tal fenómeno.

O que tem embaraçado muita gente é, primeiramente, que eles perderam a noção do aspecto transcendente de Deus é da religião, recaindo no pecado dos idolatras que pretenderam reduzir Deus ao feitio e ás dimensões da criatura, tachando de impossível tudo o que não se enquadra nos limites dos seus pensamentos e dos seus raciocínios. E em segundo lugar perderam o senso pratico, em religião, exigindo desta, para praticá-la, o que de outros departamentos da vida não exigem.

Deixou nosso Senhor aos seus discipulos um preceito de ordem pratica: "Fazei isto em memoria de mim"; porém muitos parecem interpretar estas palavras como se o Senhor dissesse: "Discuti isto em honra ao vosso intellecto, em pábulo á curiosidade frívola do vosso espirito". E por essa razão, assim como por prevenção e ignorancia, é que se têm dito as maiores monstruosidades em torno de uma cousa que deveria

ser tão simples para a alma crente, tão pratica, tão natural, tão confortadora!

Dever-se-á porventura, por motivo dos abusos, abandonar essa doutrina que traz o nome de transubstanciação, ou então conservá-la disfarçadamente, evitando-se o emprego de um termo assim tão forte e que tem dado lugar a tantas controversias?

Nem uma cousa nem outra! A doutrina deve ser mantida com intransigência, e também o termo tradicional que a representa. Aos que querem emprestar-lhe um sentido carnal e grosseiro, diremos que não é esse o ensino cristão, a despeito das interpretações superstitiosas que a ignorancia e a malicia têm tecido em torno dele. Não é a doutrina tradicional da Igreja segundo os expositores mais idoneos, entre os quais figura a mentalidade pujante de um S. Tomaz de Aquino.

E' edificante e sugestiva, neste ponto, a attitude de nosso Senhor Jesus Cristo no seu sermão sobre o Pão da Vida em S. João VI. Ele não se esquivou de dizer a verdade, em termos fortes, pelo receio de ser mal entendido. Ha grandes verdades que só podem ser devidamente expressas em termos substanciais, sujeitos a resvalar na incompreensão. A verdade da real presença, por exemplo, não pode ser retida pela fragil mente humana, como a experiencia o demonstra, senão pelo uso de um termo forte e expressivo como *transubstanciação*. O que se condenou na primeira parte do Artigo XXVIII de Religião no Livro de Oração Comum foi apenas o sentido deturpado que muitos então attribuiam, como ainda hoje, ao vocabulo. (1) Muito melhor teria sido, por varios motivos, se houvessem conservado a palavra, devidamente definida, em

(1) Vejam-se as notas no fim.

seu sentido real, tomista, transcendente. A exclusão daquele termo e, o que é pior ainda, a sua presença, mas estigmatizada com um sentido erroneo e grosseiro, tem levado muita gente sincera a uma atitude dubia para com a doutrina e a pratica do Sacramento do Altar, além de haver fomentado uma attitude descari-dosa e injusta para com outros cristãos.

Retomemos porém o fio do nosso tema e vejamos como esta doutrina, tão debatida, e por vezes com tanta ignorancia e acrimonia, enquadra-se perfeitamente com o conjunto dos fatos da revelação cristã, e ajusta-se admiravelmente a cada uma das suas partes.

*
* *

TRANSUBSTANCIAÇÃO! — eis a grande palavra da religião de Jesus Cristo e que, apesar de causado-ra de tanto escandalo, não deve ser de fôrma alguma renunciada, nem aceita com timidez, com receio de dar ofensa ao mundo incredulo ou a uma religião de meias tintas.

Transubstanciação — foi, por assim dizer, a bandeira que a Igreja arvorou desde os dias apostolicos. O homem Jesus, nascido na manjedoura de Belém, e que com eles conviveu durante trinta e tres anos, não era outra coisa senão a Divindade, o eterno, o misterioso e onipotente Deus, que assumiu a fôrma humana e circunscreveu-se ás limitações temporais da criatura! Era a transubstanciação da humanidade, por um ato transcendente de poder e gloria. Inexplicavel á razão humana? Mas este é o fato, posto que transcendente e estupendo, que os apostolos atestaram e a Igreja recebeu e selou com as decisões doutrina-rias dos primeiros concilios ecumenicos. Selou-o tambem com o sangue dos seus martires, e com os prodigios dos

seus missionarios disseminados pelo mundo. O Homem-Deus, não por um processo natural de evolução, mas por um “fiat” criador — a encarnação do Verbo. Rugem as fêras no anfiteatro, e, mais, enfurecidas ainda, as fêras humanas de um mundo dissoluto e decadente, mas a Igreja não esmorece no seu testemunho. Combatida pelos here-siarcas, que não pôdem suportar uma religião senão ao alcance dos seus processos racionais, a religião divina entretanto vence em toda a linha — vence o mundo, vence o erro, e ressurgue sempre, mais viva e mais forte, das proprias cinzas em que parece sepultada.

A religião, vista do lado divino, de cima para baixo, é a religião da encarnação do Verbo. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”; vista, porém, do lado oposto, da terra para o céu, é a religião da humanidade transubstanciada, a religião do novo nascimento, da nova criatura. Não a religião do homem evoluído, por processo natural, mas a do homem novo, do homem renascido, criado de novo em Jesus Cristo.

Ha dificuldade em crer-se na real presença de Cristo sob as especies consagradas, com a concurrencia de todo o culto eucaristico? Pois o fato real é muito maior, muito mais estupendo do que isto. A Eucaristia não é mais do que um pequenino incidente no meio de um imenso todo pejado do maravilhoso e do sobrenatural. O milagre da Eucaristia não é mais do que o milagre da encarnação e da redenção, com todas as suas sombras e os seus misterios: porém posto ao alcance dos homens, para o seu uso, para efeitos de ordem pratica.

O mesmo principio foi ensinado por nosso Senhor no seu discurso sobre o “Pão da Vida”. Quando os seus discipulos murmuravam, “Duro é este discurso, e quem o pode ouvir?”, o Senhor lhes replica: “Isto vos escandaliza? Que seria então se visseis subir o Filho do ho-

mem para o lugar onde ele primeiro estava?" A realidade divina é alguma cousa que abrange tudo que os nossos sentidos alcançam, e a tudo transcende, a perder-se de vista nas dobras do invisível. E para que as suas palavras não fossem entendidas de um modo puramente terreno, dando lugar á superstição e á incredulidade, ele acrescentou: "O Espirito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que vos tenho dito são espirito e vida". A carne, em si, desacompanhada de vida e de celestial virtude, de nada vale certamente.

E não é singular que o Senhor tenha empregado uma expressão terrena com um valor celestial? Mas é precisamente isto o que constitue a real natureza e o amago do sacramento — a consagração e a unificação da vida em seus multiplos aspectos, o terreno e o celestial, o temporal e o eterno, o material e o espiritual. E' nisto exatadamente que a religião cristã transcende a todas as religiões que reclamam no mundo os fóros de espirituais. Não é propriamente a religião da immortalidade da alma, como a do platonismo ou neo-platonismo, mas é a religião da *encarnação* do Verbo e da *ressurreição da carne* (ou do corpo). Não quer a eliminação ou a destruição do mundo material e terreno, como alguns sistemas de acetismo, mas crê na transformação da ordem terrena, removendo os erros e pecados, e dando ao mundo natural uma nova alma, mais elevados motivos, e uma eterna finalidade. Se prediz catastrofes, que atingem o proprio planeta, não é para deixar as creaturas no vacuo, nos espaços sem fim, mas é para estabelecer novos céos e uma nova terra, nos quais habita a justiça. Não se desinteressa das cousas terrenas, em suas multiplas relações, mas procura moldá-las de acôrdo com o padrão do céu, como foi dito a Moisés no tocante aos petrechos do tabernaculo: "Vê que os faças conforme o seu modelo que foi mostrado no monte". E

ainda como na Oração Dominical: "Seja feita a tua vontade, *assim na terra como no céu*".

E a mais alta expressão, que uma tal religião pode assumir no seu culto, outra não pode ser senão a sacramental, no sentido catolico e tradicional desta palavra. No sacramento, assim como na encarnação, o céu e a terra se abraçam, as cousas terrenas se levantam e se iluminam com o resplendor do céu, e a vida encontra a sua harmonia e a sua real consumação em Cristo, cuja encarnação e obra redentora se perpetuam, no mundo, através do seu Corpo, a Santa Igreja. Pobres, entretanto, são os recursos da linguagem humana para exprimir toda a riqueza e gloria do culto central da Igreja!

*
* *
*

E a formula chamada "consustanciação", isto é, a coexistencia do natural e do sobrenatural nas especies consagradas, em termos de paridade, sem um ser absorvido pelo outro, é insubsistente, não tanto do ponto de vista metafísico, como no seu alcance pratico. Quando um elemento mais alto se apodera do que é inferior, como muito bem observa o Bispo Temple, este passa a fazer parte daquele — não mais como entidade distinta, ou substancia, mas como simples acidente.

A doutrina acima referida, em que, por assim dizer, o Cristo continúa a coexistir lado a lado com o mundo natural, sem o vencer, sem o absorver, sem o transmutar, mas em uma sorte de mutua concessão, falseia todo o teor do Evangelho da Encarnação, e da Redenção, e das boas novas inauditas, e traz ainda, como natural consequencia, o rebaixamento do padrão religioso e moral da vida. O efeito de uma tal doutrina, quando levada ás suas der-

radeiras consequências, é duplo: na região doutrinaria, leva ao racionalismo, ao orgulho mental, vazio, estéril, com pretensões de remover da religião todo elemento sobrenatural; e, no mundo moral, conduz inevitavelmente ao império da natureza inferior, brutal, com a perda da própria noção de santidade.

Felizmente o erro doutrinário nem sempre é levado às suas derradeiras consequências; porém, não sendo removido em tempo, a sua nefasta influencia ir-se-á fazendo sentir, cada vez mais, no seio das comunidades que o endossam. Almas há então que lastimam, que protestam, e procuram remediar o mal com recursos superficiais, sem atinar com a sede profunda de que o mal se nutre.

E' portanto de maxima importancia, para todos os efeitos, um exato conceito da natureza e do valor do culto eucarístico, com o seu enquadramento nos fatos maravilhosos da revelação cristã e as suas consequências na vida pratica.

Mas alguém pôde alegar contra este asserto, a existencia de comunidades religiosas lamentavelmente decaídas, a despeito de sua professada crença na real e substancial presença do Senhor na Eucaristia. A isso porém responderemos que a peor quéda é aquella que procede do ponto mais elevado; os mais hediondos abusos são os que se fazem com as mais nobres e vitais funções da vida humana, como, por exemplo, as que concernem á perpetuação da especie.

Tudo, neste mundo, é suscetível de abuso.

O povo antigo, a quem foram confiados os oráculos de Deus, perpetrrou o maior crime da historia, mas nem por isso nosso Senhor deixou de declarar, a respeito deles, que "dos judeus é que vem a salvação". O depositario indigno não desvaloriza o precioso deposito de que foi custodio. O que aos hebreus cumpria fazer era dar a de-

vida atenção ás proprias Escrituras de que eram guardiães, assim como também, hoje, aos que professam acreditar na real e substancial presença do Senhor no Sacramento do Altar, cumpre apenas tirar as devidas consequências, espirituais e praticas, da doutrina verdadeira que os seus labios atestam.

Se alguém professa a doutrina da real presença, e vive como se Cristo fôra ausente do seu coração e da sua vida, como se não houvesse Deus no mundo, só pôde merecer classificação com os demonios que, aos brados, outróra, confessavam a divindade de Cristo, mas continuavam a desmentí-la por suas obras más.

*
* *

A crença na real e substancial presença do Senhor na Eucaristia, e que com muita pertinencia recebe o nome de "transsubstanciação", não se refere a um fato isolado, unico, desarticulado, mas faz parte de um tremendo conjunto que tem como base a encarnação do Verbo, a sua obra expiatoria, e como consequencia a vida renovada, transsubstanciada e sobrenatural do crente — não o fruto de méra evolução, mas o efeito da real presença do Senhor com ele, comunicando-lhe a vida e poder espiritual, assim como a toda a Igreja.

E se a crença na real e substancial presença do Senhor, no culto eucarístico, não é, como vimos, o ponto culminante na religião sobrenatural, professada pelos cristãos, ela é, no entanto, a sentinela avançada que guarda a entrada do reducto inviolável da fé pujante, invencível, celestial, extra-mundana, e que todavia não perde o seu contacto com a terra e as relações terrenas da vida — exactamente o distintivo divino da religião de Jesus Cristo.

Caída que seja esta sentinela, aos golpes da impiedade, as outras posições doutrinarias irão inevitavelmente ruindo uma após outra: a divindade de Cristo, a sua ressurreição, o seu nascimento sobrenatural, a sua autoridade espiritual e moral, a noção católica da Igreja, o valor das próprias Escrituras, a vida eterna.

Perdido o senso da real presença do Senhor no supremo ato de culto, e reduzido este a uma simples cerimônia comemorativa e opcional, as consequências não se fazem esperar: primeiro, a derrocada doutrinaria, que nenhum esforço mais pôde deter, e, depois, a dissolução moral, e esta tanto mais grave quando aparece sob os ouros de uma civilização pagанизada e armada de razões que se dizem científicas, mas que, em realidade, não são mais do que os imperativos bestiais da natureza inferior desenfreada.

E' praticamente impossível manter o caráter sagrado, sacramental e indissolúvel do matrimônio nas comunidades para as quais o valor de Cristo é apenas histórico, arqueológico, e não uma realidade viva, atual, presente, focalizada de uma maneira toda especial no Altar da Santa Eucaristia.

Jesus Cristo é, pois, o grande foco de transmutação da vida humana.

Acercamo-nos portanto da Mesa do Senhor, crentes na transubstanciação, não só das espécies consagradas, que se tornam efetivamente para nós, mediante o ato de consagração, o Corpo e o Sangue do Senhor, como nosso alimento celestial, mas também na transformação ou, melhor, na transubstanciação de todo o nosso ser e de toda a nossa vida. Chegamo-nos ao Senhor com a nossa vida natural pecaminosa, fraquejante, imperfeita, certos de que ele ha de infundir em nós a sua vida, santa, sobrenatural; com as nossas inclinações viciosas, seguros de que serão

purificadas e enobrecidas pela infusão da sua divina vida em nós.

A transubstanciação, no que concerne às espécies sacramentais, no conjunto do culto eucarístico, não é mais do que a pequenina chave elétrica, que a uma simples volta, acionada por debil mão, pôde pôr em atividade grandes energias, não pela virtude da chave em si, mas pela potência da grande usina geratriz. A chave é apenas um dispositivo de ligação a uma potência já existente. O milagre não está na chave, ainda que assim pareça, mas na força de que é veículo.

A fonte de virtude da Eucaristia não são as espécies consagradas, mas o Cristo vivo que sob estas formas, humildes e comuns, se oferece como celeste alimento para os crentes. As formas acidentais de pão e vinho, assim consagradas, são como se não existissem, ante a real e augusta presença do Senhor.

Idolatra seria o culto prestado a um ser humano, mas não o culto prestado a um homem que encerra em si, de um modo perfeito, a Divindade. Idolatra e feitiçista seria o culto prestado a objetos materiais, mas não o ato de adoração ante as espécies consagradas, que encerram, de um modo místico e celestial, a real presença daquele que disse: "Este é o meu Corpo que é dado por vós", "Este é o meu Sangue derramado por vós e por muitos para remissão dos pecados; fazei isto em memória de mim".

Não nos achamos aqui certamente na região em que imperam os princípios de ordem natural, mas na região espiritual e transcendente, a terra santa que não é lícito pisar com os sapatos nos pés.

O Cristo que adoramos e recebemos não está sujeito às leis do tempo e do espaço, mas é aquele que penetra no cenáculo, onde se achavam os discípulos no primeiro Do-

mingo de Pascoa, estando as portas fechadas, e que do meio deles se retira sem se abrirem essas mesmas portas.

Ria-se embora o mundo incredulo, escarneçam os que se gloriam de um sistema religioso a que chamam de modernista, emancipado, sem milagres, sem misterios; mas a religião verdadeira, mascula, divina, vitoriosa, é a que abraça com simplicidade a fé que uma vez foi dada aos santos. Chamem como quizerem a esta religião — catolica, anglo-catolica, ou fundamentalista — entretanto é a religião da “transubstanciação” em todos os seus aspectos: na encarnação do Verbo, na divindade de Cristo, na Real Presença Eucaristica, no novo nascimento, na nova criatura, na resurreição do “corpo”, nos novos céos e na nova terra, nos quais habita a justiça.

Se a Eucaristia, em si, não é o fato mais alto da religião de Cristo, é todavia o termometro que assinala, visivelmente, o grau e a natureza da fé que anima os crentes. Póde haver cristãos sem sacramentos, ou com estes reduzidos ou amesquinhados, assim como ha tambem homens que podem viver sem braços, sem pernas, sem olhos ou sem outros órgãos necessarios á harmonia e eficiencia do individuo; e alguns até podem, por um dom especial, ou por extraordinario esforço, fazer cousas admiraveis; porém isso não prova que tais órgãos sejam accessorios inuteis, ou que tais homens constituam o tipo normal. Assim tambem a religião normal, viva, harmonica, triunfadora, é taquela que, sem desprezar outros elementos, tem na mais reverente estima os sacramentos instituidos por nosso Senhor Jesus Cristo, e muito especialmente o maior de todos — o Santissimo Sacramento do seu Corpo e Sangue.

Estamos de pleno acôrdo com as nobres palavras com que se correspondeu conosco, ha pouco, um dos lumináres da religião do Brasil. “Como é consoladora — diz

ele — rica de elevados incentivos, a crença na presença “real e substancial” de Jesus no Santissimo Sacramento! Quanta gente seria feliz, se pudesse aquecer o coração generoso e bom a esse fóco inefavel de luz e de calor, de energias morais e de santificação!”

Ha talvez um quê de eufemismo nas palavras do venerando prelado, quando se refere ao coração generoso e bom. O que levamos a Cristo, no altar, nem sempre é o coração generoso e bom, porém mesquinho e máu, como no-lo diz a consciencia. A unica cousa que lhe apresentamos, e esta mesmo imperfeita, é a nossa contrição. Porém o Senhor, misericordioso, nos acolhe, e nos cobre com os seus meritos infinitos e nos faz participantes das virtudes dos seus santos; e ainda mais: transmuta a nossa fraqueza em força, os nossos pendores pervertidos em celestiais aspirações, a nossa moral claudicante em uma flama divina de santidade; a nossa covardia em coragem, a nossa tristeza em gozo, a nossa tibieza em confortante calor do céu, a nossa mortalidade em vida eterna.

E a grande palavra de ordem, a divina senha que ha de inspirar-nos e nortear-nos em toda a batalha da vida, e conduzir-nos á gloria, não é outra senão esta, digamo-lo sem medo: “Transubstanciação”!

Na zonal sul do Estado, ha anos, vimos sobre o sólo, derrubado, o tronco de uma grande arvore. Era evidentemente um madeiro, assinalado por velhos golpes de machado. Mas, ao tocá-lo, notámos que ele só tinha a fórmula de madeira; a sua substancia, agora, já era outra. As infiltrações calcareas, com o correr dos anos, haviam feito dele um grande blóco de pedra. O elemento precario havia desaparecido, e o seu lugar tomado por um outro de valor permanente. Assim é tambem com aqueles que se encontram sob a ação constante de Jesus Cristo:

recebendo o seu ensino, a comunicação da seiva da sua vida pela oração, e especialmente pelo Santíssimo Sacramento do Altar, são moral e espiritualmente transmutados — tornando-se outros os seus desejos, outras as suas aspirações, outras as fontes da sua alegria, outro o seu carater, outras as suas obras — aguardando a ultima transubstanciação, quando “os seus corpos, corruptíveis e mortais, serão transformados á semelhança do corpo do Senhor em gloria, mediante o divino poder com que póde sujeitar todas as cousas a si mesmo”.

*
* *

E hoje, aniversario da instituição da Santa Eucaristia, convem meditar, com isenção de animo, sobre o momentoso tema.

Aos que costumam ler as Santas Escrituras recomendaríamos a nobre attitude dos Bereanos que, antes de impugnarem com azedume as razões de Paulo, applicavam-se a examinar atentamente, cada dia, as mesmas Escrituras, a ver se estas cousas eram de fato assim. E a Bíblia, sem os vidros vermelhos do sectarismo, corrobora a doutrina aqui exposta.

E os que presumem possuir um alto conceito da Eucaristia farão bem de o denunciar, não pelos gritos irreverentes de “Viva Jesus” nas demonstrações, aliás suspeitas, de rua, mas pelo seu comparecimento, constante e respeitoso, á Mesa do Senhor — não como simples expectadores ou curiosos, mas como comensais, devidamente preparados, do divino banquete.

E o grande publico será convencido do poder e da gloria de Cristo, não pela ostentação publica, nas ruas, da especie consagrada para uso reverente dos fieis no

culto, mas pela exhibição de vidas humildes, puras, impavidas, radiosas, bemfazejas, quais hostias vivas, santas e agradaveis a Deus — visiveis no seio da familia, na officina, no escritorio, em toda parte e em todas as circunstancias. São estas as que efetivamente desagravam a Nosso Senhor Jesus Cristo e o seu Santíssimo Sacramento das afrontas, que lhe têm sido irrogadas pela ignorancia e a impiedade dos homens.

Quinta-feira Santa, 20 de abril de 1931.

impostas

NOTAS

DISCORRENDO sobre o termo *transubstanciação*, na sua magistral monografia “The Cristian Sacraments”, á pag. 248, assim se exprime o teologo anglicano, Canon Oliver Chase Quick: “Os dois principais argumentos, usados outróra pelos apologistas anglicanos contra a Transubstanciação, eram estes: 1) Que attribue uma noção grosseira e carnal á presença eucarística, e 2) que contradiz a evidencia clara dos sentidos. Certo é — continúa o mesmo autor — que antes de terem sido as definições do Concilio de Trento claramente estabelecidas na teologia catolica romana, havia consideravel justificativa para ataques desta ordem.”

E ele acrescenta, pouco mais adiante, que “é de todo evidente que as aludidas objeções anglicanas, hoje, não são mais procedentes, contra a teoria da Transubstanciação como elaborada pelos escolasticos, aperfeiçoada por S. Tomaz de Aquino, e constituida pelo Concilio de Trento como a base do ensino official da Igreja Catolica Romana. Porque nesta teoria — diz o autor — é perfeitamente claro que: 1) o Corpo e Sangue de Cristo não

estão presentes no Sacramento, como se de qualquer forma ocupando espaço, ou segundo a maneira da existencia terrestre; e 2) que os elementos consagrados conservam toda a realidade de pão e de vinho perceptível a todos os sentidos corporais, e que por conseguinte as apparencias de pão e vinho não são de forma alguma illusorias ou enganosas.”

*
* *

E outro escritor anglicano, Canon A. L. Liley, no seu livro “Sacraments”, á pag. 127, assim se exprime sobre o mesmo assunto: “A doutrina da Transsubstanciação, devidamente considerada em suas verdadeiras relações, afigura-se-me um caso notavel da função que para a teologia se reclama nestes estudos: a de castigar e corrigir os excessos da devoção popular”.

*
* *

São estes precisamente os termos do Concilio Tridentino ao definir a doutrina eucaristica da Transsubstanciação:

“Quoniam autem Christus Redemptor noster, corpus suum id, quod sub specie panis offerebat, vere esse dixit; ideo persuasam semper in Ecclesia Dei fuit, idque nunc denuo santa, haec Synodus declarat, per consecrationem panis et vini *conversionem fieri totius substantiae panis in substantiam corporis Christi Domini nostri, et totius substantiae vini in substantiam sanguinis ejus*: quae conversio convenienter et proprie a sancta catholica Ecclesia *transubstantiatio* est appellata.”

“Como Cristo nosso Redentor disse, que aquilo que oferecia debaixo da especie de pão, era verdadeiramente

o seu corpo, por esta causa se persuadiu sempre a Igreja do que novamente agora declara este santo concilio: que pela consagração do pão e do vinho se faz conversão de toda a substancia de pão em substancia do corpo de Cristo nosso Senhor, e de toda a substancia de vinho na substancia do seu sangue: a qual conversão com muito acerto e propriedade chama a santa Igreja catolica Transubstantiação”.

*
* *

No Dicionario Biblico de Hastings, em um volume, no artigo sobre a Eucaristia, firmado pelo Rev. James G. Simpson, encontram-se as seguintes palavras no final do referido artigo: “Contudo deve-se finalmente admitir que, embora alguma teoria sacramental pareça no seu conjunto expressar melhor que qualquer outra o geral teor do ensino do Novo Testamento sobre o assunto, todavia nenhuma das explicações que dividiram a cristandade desde o seculo XVI, nem mesmo a da transubstanciação, quando aptamente definida, pôde ser considerada como em total desacordo com os termos da Escritura”.

MOISÉS, o legislador hebreu, foi o mais perfeito educador de quantos floresceram nos tempos antigos. E a obra da instrução religiosa, em nossos dias, encontra nele um modelo de valor inestimável.

E' de notar a suma habilidade com que, a passos seguros e firmes, vai do concreto para o abstrato, do conhecido para o incognito, do simples para o complexo, mediante transições naturais e faceis. Encontra ele, para se firmar, um ponto de partida que é ao mesmo tempo um fulcro, em torno do qual deve revolver em ordem, em harmonia e perfeita coesão, todo o ensino religioso e civico.

Esse ponto central, que fala ao mesmo tempo á razão, á imaginação e aos mais profundos afetos da alma, é a instituição da Pascoa, que seria solenemente celebrada, no decurso das gerações, em comemoração do estupendo fasto nacional que foi o Exodo. "Guardareis isto para vós e para vossos filhos para sempre. E quando tiverdes entrado na terra que o Senhor vos ha de dar, segundo a sua promessa, observareis este serviço". E passa então a mostrar o fim didatico que teria esta observancia para as futuras gerações: "Quando vossos filhos perguntarem: Que quereis dizer com este rito? respondereis: E' o sacrificio da Pascoa do Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egipcios e livrou as nossas casas".

O legislador hebreu escolhe o momento culminante

e decisivo na historia do povo, a memoravel saida do Egito, e põe-no como fundamento e como eixo em torno do qual se deve desenvolver toda a obra da educação religiosa e nacional.

Jesus Cristo, o incomparavel mestre e educador dos homens, deante do qual os demais desaparecem como estrelas á luz do sol, não deixou desnorteados os seus seguidores, sem um ponto central e concreto, que seria para eles como a pedra angular em que se assentasse todo o vasto edificio da obra, particularmente divina, de que os encarregara, da educação religiosa e moral dos povos. Ao instituir a Eucaristia, ele insiste sobre o aspecto memorial e didatico do rito: "Fazei isto em memoria de mim". A palavra "memoria", aqui, seria melhor traduzida como "memorial". E São Paulo, comentando a Instituição, assim se exprime: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este calix, "anunciais" a morte do Senhor até que ele venha".

Vê-se, pois, que no pensamento de Cristo, bem como no do apostolo São Paulo, a Eucaristia, além de outros objetivos, tem um fim distintivamente instrutivo, visando tornar Cristo lembrado, honrado e conhecido, não apenas dos fieis, mas tambem das novas gerações e do publico em geral. E este rito, tal como o da Pascoa dos judeus, é, tambem, de natureza a provocar nas crianças a natural curiosidade de saber o sentido de todo aquele ato solene.

E' aí, portanto, onde se encontra o ponto de partida e o mais feliz programa de um curso de instrução religiosa. O ensino cristão, assim ministrado, perde o seu carater vago e distante, tornando-se coerente, empolgante, pratico, substancial. Ao mesmo tempo, desaparece o feitiço abstrato e meramente curioso, em que se degenera tanto esforço bem intencionado para disseminar a instrução re-

ligiosa, assumindo tal ensino uma finalidade concreta, preparando o catecumento para um ato visível e objetivo, que é tomar parte na Santa Eucaristia, e tendo como consequência definir a sua atitude perante os homens e aos olhos da sua própria consciência.

Tal deve ser o plano de uma sólida instrução religiosa.

Mas para isso é necessário, antes de tudo, que se conheça a significação, o valor e a finalidade da Santa Eucaristia. Sacramento da unidade, não pôde ser tido em alta estima onde reinar o espirito individualista e faccioso. Desaparecido o espirito de união, e em seu lugar prevalecendo apenas o zelo arrogante e sectário, a Eucaristia cai também no menosprezo, como se fôra um simples apêndice, humilhante e importuno, de uma religião espiritual.

E' também o Sacramento da fé, da religião revelada, divina, sobrenatural. E quando a chama da fé se vai apagando, substituída pelos fogos fatuos de um modernismo naturalista e incredulo, reprodução do velho arianismo, o Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor vai caindo também no descrédito da parte de espiritos frívolos, que todavia se julgam superiores e emancipados.

Mas o Sacramento do Altar, fielmente celebrado e recebido, com fé humilde e singela, é o meio divino de atear a flama da fé nos corações, livrando-os de acabar nas trevas da descrença e do pessimismo, e renovando neles a fonte de perenes alegrias.

Fruto da fé, a Santa Eucaristia, qual lente cristalina que focaliza e aumenta o calor aos raios solares, é o grande meio, instituído por Cristo, para a renovação continua e salutar da fé, e o fomento da universal fraternidade e união entre os crentes.

Por isso um dos distintivos mais salientes que deve

ter uma eficiente educação religiosa, ha de ser a proeminência dada ao caráter católico da Igreja, deixando ficar em plano relativamente secundário o sistema peculiar — romano, anglicano, ortodoxo ou evangelico — a que possa estar o crente eventualmente filiado pelas suas próprias preferências ou quaisquer circunstâncias alheias á sua atuação.

Dividido em varios ritos e sistemas disciplinares, como se encontra o mundo cristão, não seria isso de maior consequência, se não fôra o espirito de ignorância, de reciproca hostilidade e desamor que prevalece entre tantos que professam a religião do Mestre. Foi esse mau espirito, de que nenhuma das partes é inocente, o que rasgou, nos seculos passados, a túnica inconsutil do Cristo.

E o mundo necessita, hoje talvez mais do nunca, depois do seculo apostolico, de que toda a Igreja apresente uma frente unica contra o inimigo comum — o materialismo incredulo, truculento e dissoluto.

E a mesa da Santa Comunhão deveria ser o lugar privilegiado, no alto, na região em que prevalece a caridade cristã, fóra do ruído infernal da contenda das linguas, onde todos os crentes se irmanassem, esquecidas todas as suas diferenças, perdoadas todas as maguas, como uma só familia e um só corpo em Jesus Cristo.

E por isso urge, nos tempos que correm, passar em revista a doutrina e pratica do Sacramento do Altar, estudando o assunto com isenção de animo e reformando os nossos pensamentos e habitos em tudo o em que estiverem de encontro ao ensino e ao espirito de Cristo.

Mas não poderemos alcançar um conceito exato do valor da Eucaristia como Sacramento de unidade, sem alguma noção, mais ou menos clara, do que constitue a base elementar da unidade da Igreja. Esta unidade, não apenas espiritual, intrínseca, latente, abstrata, mas con-

creta, visível, profunda, integral, constitue, na sua essência, o ideal católico, ou, noutros termos, o ideal de Cristo.

Conformar-se, pois, com uma Igreja dividida, ou dissimular a situação taxando de herejes indistintamente a todos quantos, embora reverentes, piedosos e sinceros, não se alinham no sistema que reputamos o melhor, é agravar o mal em vez de promover-lhe a cura.

E assim, o meio sumário, que muitos imaginam capaz de resolver de um golpe o delicadíssimo problema da unidade da Igreja, é o de reconhecer a supremacia, *de jure*, de um dos ramos da Igreja, escolhendo, para isso, aquele que pareça haver resistido menos mal ao embate dos séculos, e arvorá-lo como o núcleo necessário e absolutamente indispensável de unidade. Mas esse recurso, tentado com maestria durante longos séculos, fracassou, como os fatos o demonstram. E não poderia deixar de fracassar, visto não ser o método de Cristo, nem o dos apóstolos, nem o da Igreja primitiva. Antes da ideia de ordem, segundo o exemplo e o preceito de Cristo, vem o amor; e antes do pensamento de governar, vem o de servir. O de que necessitamos, hoje, não é tanto de qualquer mudança de sistema ou de organizações, mas uma mudança radical de espírito. Urge que todos passemos por uma crise de profunda e sincera conversão. S. Pedro foi, no seu dia, o chefe dos apóstolos; mas o foi, não por um suposto dom de infalibilidade pessoal em virtude do seu cargo, nem ainda por méras qualidades de liderança, e espírito de renúncia, mas sobretudo pelo seu espírito humilde e contrito. Humilde e contrito, quando reconhecia os próprios erros e deles se penitenciava, sem se julgar desautorado com as advertências de um irmão; quando reconhecia os seus deslizes e falhas, até nos atos da vida pública, e não tinha por desdouro retratar-se. Foi um verdadeiro chefe, como o foram também — diga-

se com prazer — muitos dos primitivos bispos de Roma, que puzeram todo o empenho em ajudar outras igrejas, sem qualquer propósito de predomínio sobre elas.

Se a primazia cabe hoje a Roma ou a Cantuária, ou a qualquer outra sede de influência no mundo religioso, não é mais matéria de discussão: é matéria discutida e decidida; discutida pelos primitivos apóstolos, mais de uma vez, e decidida de uma vez para sempre pelo próprio Mestre, quando disse: "Sabeis que os governadores dos Gentios dominam os seus vassallos, e sobre eles exercem autoridade os grandes. Entre vós porém não é assim. Mas quem entre vós quizer tornar-se grande, será esse o vosso servo; e quem quizer ser o primeiro entre vós, será esse o que vos sirva. E assim é que o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos". Math. 20: 25-28.

E' fácil também esbravejar contra a tirania, na Igreja ou no Estado. O que é difícil é afinar o nosso espírito pelo diapasão de Cristo e pautar o nosso modo de viver e de agir segundo o seu ensino e exemplo. Mas é este o caminho único, que leva á emancipação das massas e á unidade da Igreja.

E por isso, tomando-se como fulcro doutrinário e de ação prática, não méros princípios mundanos de primazia e domínio, mas a divina instituição do Senhor, isto é, a Santa Eucaristia, tem-se em vista reunir os homens e irmaná-los, menos como filiados a qualquer grupo ou sistema religioso, do que como membros da Santa Igreja Católica, na aceção que tem a frase nos Credos Apostólico e Niceno.

A qualidade básica e formal de católico é adquirida pelo Batismo, segundo o ensino apostólico e o consenso geral da Igreja desde os tempos primitivos. O Batismo é a bandeira cristã destinada a farfalhar, como símbolo

inviolável de unidade, por cima de todas as divisões que separam ocasionalmente os fieis uns dos outros. Desde o século III, por motivo da controversia de S. Cipriano com o papa Estevão sobre a validade do batismo conferido pelos hereticos, ficou assente, na consciencia da Igreja, o principio de que todos os batizados pertencem á Igreja Catolica, e assim se considerou condenada, desde então, a pratica do rebatismo.

Seria uma educação civica erronea acentuar, na mocidade, o zelo provinciano em dano da idéa geral da patria una, grande, forte, prestigiada. Assim tambem, na educação religiosa, não é de bom aviso suscitar o espirito sectario, estreito, intolerante, a que são os homens tão afeitos, em prejuizo dos mais altos interesses da familia cristã universal, que deve ser unida em amor, em fé, em humildade, em mutuo serviço e geral consagração á causa dos mais elevados interesses da raça humana.

Certo é que não podem ser sanadas de um golpe as discordias e divisões seculares da familia cristã no mundo, e que tanto desdouro trazem ao nome de Cristo, enfraquecendo tambem a ação da Igreja em presença do inimigo comum, que é o mundo impio e dissolvente. Entretanto podemos orientar as nossas atividades no sentido de pôr em evidencia o nosso carater cristão e catolico, como batizados, subordinando a isto qualquer feitio particular de rito ou disciplina.

A nenhum cristão é licito, especialmente hoje, frisar accidentes diferenciais que separam os crentes uns dos outros, esquecidos dos grandes e profundos vinculos espirituais que os irmanam, e das momentosas e vitais questões que os chamam, ao toque vibrante do clarim do Santo Espirito, a cerrar fileiras contra as hostes tenebrosas que se arrematam, com todas as armas, contra Cristo

e a sua Igreja. Não é tempo de fomentar dissidios, nem de avivar querelas de outros seculos.

Uma cousa é fazer primeiro adeptos de um determinado sistema cristão religioso — catolico romano, orthodoxo, anglicano, batista, metodista, ou qualquer outro — para só então dar-lhes direito de vir á Mesa do Senhor, e outra é o prepará-los para virem á Santa Mesa, como crentes, como batizados, relegando para um plano secundario o feitio peculiar do sistema cristão de suas preferencias.

Proceder da primeira fórma, é escravizar as almas, e amarrá-las ao poste do sectarismo, ou fazê-las passar, vencidas e humilhadas, sob as forcas caudinas de uma seita ou de um partido eventualmente vencedor. E' a escola do fanatismo e do desequilibrio religioso; é o viveiro de desavenças e de irritantes questiunculas de campanario.

Porém o franquear-se a Mesa do Senhor ás almas crentes, devidamente preparadas, mas sem exigencias preliminares de *chiboleths* provincianos, sectarios e descariados, é seguir o exemplo de São Paulo e dos demais apóstolos, que não consentiram que as marcas do judaismo, com as suas peculiaridades tradicionais e exclusivistas, fossem impostas aos crentes como termo de comunhão.

E se um irmão, por fraco ainda na fé, não alcançou plena maturidade espiritual, não é motivo para se correr com ele da Mesa do Senhor, a qual foi instituida, não somente para as grandes mentalidades como Sto. Agostinho ou S. Tomaz de Aquino, mas tambem para os pequeninos em Cristo. E a Mesa do Senhor é exatamente o lugar em que estes aprenderão melhor a conhecer o Mestre, a amá-lo e servi-lo. E' de lembrar que muitos dos mais tocantes e salutaes ensinamentos de Cristo foram ministrados á mesa com os seus amigos. Negar, pois, a estes, sob qualquer pretexto, um lugar á Mesa da Comu-

nhão, quando se apresentam de espírito humilde, sincero e penitente, é privá-los da melhor oportunidade de nutrição espiritual e crescimento em graça.

E' esta a doutrina de São Paulo, muito diversa da pratica que, seculos mais tarde, começou a ser abusivamente usada — a excomunhão dos herejes (1). Erros doutrinaarios havia-os, e muito sérios, nos dias apostolicos, mas contra eles empregava-se a arma poderosa da palavra, e não a dos anatemas.

Quando a autoridade moral vai decaindo, em individuos ou corpos governativos, vai na mesma proporção crescendo a afirmação do principio de autoridade, até o ponto de ser considerado como alguma coisa em extremo sagrada, infalivel, oracular, intangível. O maior crime, então, é qualquer cousa que possa parecer um desacato á autoridade; e o maior pecado já não é a mentira, não é o furto, não é a luxuria, nem mesmo o assassinio, mas o pecado contra a ordem estabelecida e os seus representantes. E' o regime do autoritarismo, e o maior fautor, como é notorio, de todos os dissidios e revoluções.

O que queremos dizer não é nada menos que isto: catolicos romanos, orthodoxos, anglicanos, ou reformados, a nenhum de nós assiste o direito de nos considerarmos separados uns dos outros na Mesa do Senhor, assim como não temos o direito de dar como irritado qualquer batismo que uma vez tenha sido aplicado em nome do Deus Trino, em obediencia á ordem do Senhor. "Ha um só Senhor, uma só fé, um só batismo". (2)

E' aqui, justamente, o ponto de partida para a unidade cristã, e não o ponto terminal, como se tem pretendido erradamente. Renuncie-se ao espirito de prepotencia,

(1) "Ao que é fraco ainda na fé, acolhei-o, não para discutir as suas duvidas". Rom. 14:1.

(2) Eph. 4:5.

qualquer que seja a sua fôrma, dogmatica ou imperialista, e com humildade, com sincera contrição, escute-se a voz de Jesus Cristo com a mesma frescura com que ecoou aos ouvidos dos discipulos na Palestina. A certos cristãos, hoje, apegados literalmente á Bíblia, aferrados a um dogmatismo unilateral, intolerante e presumido, ele diz: "Não ambicioneis o nome de mestres; porque só um é vosso mestre, e *todos vós sois irmãos*". E a outros que, ciosos das suas tradições apostolicas e das honrarias a que se julgam com direito, porém esquecidos e impenitentes das muitas deshonras que também trouxeram ao nome de Cristo, e que exigem, como termo de fraternidade, a inteira submissão ao seu dominio, sob pena de excomunhão, ele também diz: "A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é o vosso Pai, aquele que está no céu" (1).

A Mesa do Senhor é o lugar especialmente designado para selar, de uma maneira publica e solene, mediante o sangue generoso vertido na cruz, o pacto sagrado da irmandade universal dos crentes, alimentados por uma só esperanza, unidos todos em um só proposito, a vitoria do reino de Deus no mundo.

A séde do real catolicismo cristão, antes de ser procurada em uma situação geografica, deve ser encontrada em uma attitude de alma, em uma disposição reverente e fraternal de espirito (2). Nessa séde espiritual e invisível foi que Cristo lançou a pedra fundamental da unidade da sua Igreja quando, abrindo seu coração aos discipulos na Quinta-Feira de Endoenças, pouco antes da agonia no horto, reiterou-lhes, com instancia, o peso da sua

(1) Math. 23: 8-12.

(2) "O reino de Deus está dentro de vós mesmos". Luc. 17:21.

mensagem, o topico mais augusto do seu testamento: "O meu preceito é este, que vos ameis uns aos outros".

E ali, sentado á mesa com os doze, mostrava-lhes qual havia de ser, neste mundo, o lugar sagrado, a terra santa que não deveriam pisar com os sapatos nos pés, a séde visível da sua unidade. Esse lugar privilegiado não seria uma sé pontificia, com a sua pompa, o seu fausto, o seu renome, o seu prestigio, nem ainda as cercanias de um pulpito de onde jorrassem torrentes de eloquencia, mas antes o lugar em que agora se achavam, o cenaculo, o santuario que então abrigava o Altar da Santa Comunhão. Ali o Sumo Pontifice, que era ao mesmo tempo a Vitima do sacrificio, ministrava aos discipulos o celeste alimento do seu Corpo e Sangue, que a morte iria separar, afim de que pudessem comunicar a vida ao mundo agonizante. E a real presença do Mestre que eles agora miravam com os olhos da carne, menos clara do que mais tarde teriam de contemplar com os olhos da alma, far-se-ia sentir daí em diante, de um modo todo particular e eficiente, sempre que se reunissem, reverentes, para o ato sacramental do partir do pão, penhor da sua união com o Mestre, simbolo e instrumento da sua unidade fraterna. E ali, no Altar da Eucaristia, é que eles ofereceriam a Deus o culto aceitavel em espirito e verdade, emancipados de coerções vexatorias e regionais, provenientes de Jerusalem, de Garizim, de Alexandria ou de Roma.

A séde primordial da unidade visível da Igreja é certamente o Altar da Santa Comunhão, porém escoimado das profanações de espiritos frivolos, irreverentes e contenciosos, e colocado bem alto, onde não se faça ouvir o vozear molesto das ambições carnaís de predominio.

Alcançado o plano mais elevado, nas culminancias do santuario, onde o Rei torna patente a sua gloria, as demais questões de ordem e disciplina encontrarão facil e

natural ajustamento. O senso vivo da real presença do Senhor derramará luz meridiana sobre os multiplos problemas que, pelos processos comuns, seriam perpetuamente insolvaveis.

Porém, dentre todas as tempestades de anatemas reciprocos dos seculos medievos, uma cousa salvou-se como selo sagrado e inviolavel de unidade cristã — o respeito ao Batismo. Era este reconhecido como valido, mesmo quando aplicado por aqueles que eram cortados ou que mal avisadamente se cortavam a si proprios da comunhão com o episcopado. Assim como os templos, naqueles seculos, foram o reducto inviolavel onde a furia perseguidora e violenta não ousava penetrar, assim tambem o Batismo, uma vez conferido na intenção de ser cumprida a ordenança do Senhor, ninguém concientemente se atrevia a repeti-lo, sob pena de cometer-se um sacrilegio. E' que, por um divino instinto, superior ao zelo crescente da autoridade que punha todo o empenho no exterminio da dissidencia religiosa, manteve-se o Batismo como selo visível, sagrado e inviolavel de unidade.

E a unidade no Batismo traz, como consequencia imediata e inevitavel, a unidade no Altar da Santa Comunhão.

O que cumpre, hoje, no meio de tantas vozes discordantes, é colocar a Mesa do Senhor, como nos dias apostolicos, em plano elevado, acatado, reverenciado, acima do fragor das contumelias.

Entendem alguns, que o meio de pôr termo ás contendas suscitadas em torno da Mesa do Senhor, é abandonar a Instituição de Cristo, ou tratá-la com suspeita, com desdem, ou então dividi-la ao sabor de cada grupo. A mesma tentativa, nos dias apostolicos, ocorreu com a divergencia, que parecia insanavel, entre cristãos hebreus e gentilicos. Porém os apostolos sustiveram firme o prin-

cipio da unidade da Igreja, não pelos rijos tentáculos de uma autoridade central, mas pela intransigente afirmação da unidade no Batismo e na Santa Mesa indivisa, e sobretudo pelo exercício da caridade. S. Pedro, em Antioquia, começara a fraquejar, fazendo concessões ao espírito sectário, porém mostrou-se bastante cristão ao receber, em publico, a advertência de um irmão e colega.

Contra o espírito sectário e escravizante vingou, naquele dia, o princípio verdadeiramente católico, liberal, emancipante.

Um dos pontos falhos, em alguns dos modernos esforços para restaurar a unidade da Igreja, é o de fazer o acesso á Mesa do Senhor dependente da absoluta unidade doutrinária, em lugar de se esperar que a unidade doutrinária resulte do convívio das almas crentes em torno da Santa Mesa e de uma comum experiência. Nem mesmo se deve esperar dos que vão á Mesa da Comunhão o mesmo conceito acerca da Eucaristia. Uns penetram mais fundo no valor da instituição, e outros só podem ver as cousas um tanto á superfície. Um menino, na Mesa do Senhor, não pode ter naturalmente a mesma apreensão que um adulto de larga experiência da vida espiritual; mas todos têm o direito de tomar o seu lugar no banquete do Senhor.

Ha porém um outro erro ainda de maiores consequências. E' o de fazer a admissão á Mesa do Senhor depender do reconhecimento da ascendência deste ou daquele grupo de cristãos e dos seus chefes. Se os apóstolos se tivessem recusado assentar-se com o Senhor á mesa, lá no cenaculo, emquanto não houvessem dirimido a preliminar questão de ordem, que para eles se afigurava de importancia capital, a de saber qual deles deveria ser o primaz, podemos estar certos de que a primeira Eucaristia não teria sido mais que uma tentativa malograda.

Mas eles foram bastante humildes e doces para ouvir e acatar o ensino do Mestre a esse respeito, e para se despreocuparem totalmente de impertinentes questões de hierarquia para os efeitos de comunhão.

E nem todos os apóstolos tinham, nessa Quinta-Feira Santa, o mesmo grau de conhecimento do Mestre; uns o conheciam melhor que os outros, porém todos eram deficientes n'os seus conhecimentos. E mais vagas ainda, e desiguais, eram as suas opiniões sobre a Instituição que acabava de ser estabelecida.

Em tres cousas, porém, estavam perfeitamente acordes: amavam o Mestre, queriam aprender do Mestre, queriam obedecer ao Mestre. Era isso o bastante então, e o é também agora. E' em redor da Mesa do Senhor, no espírito de cordial unidade, e não isoladamente, que nós aprendemos as cousas mais importantes sobre Cristo, a sua Igreja e o reino de Deus. E' ali também que, no sentimento vivo do pacto de uma santa irmandade universal, áquem e além do véo, nós haurimos forças para obedecer a Deus e cumprir a nossa finalidade na vida.

Urge, pois, não perder tempo com vãs disputas, mas assomar logo ao alto e galgar o nível do Calvario onde, entre o céu e a terra, se desenha o perfil de uma cruz apontando para as alturas do infinito, e com os braços abertos para o conagração de toda a raça humana em Cristo.

A mais alta séde de poder e autoridade na religião de Cristo é a que se encontra no santuario, na função sacerdotal da Igreja, á maneira de Cristo, que se imolou em sacrificio. A Igreja tem força quando segue de perto o Mestre, abraçando a sua cruz e deixando-se sacrificar em holocausto com ele pela redenção da humanidade.

A fonte mais alta de poder, na Igreja, não é a que tem por insignia um baculo ou uma triplice coroa; e não

é também a que se pretende impôr pela dialética, pelo poder da intelligencia, mas é a que se consubstancia na função sacerdotal de Cristo.

Tres officios tem Cristo, segundo o ensino da Igreja — o Profetico, o Pastoral e o Sacerdotal. Póde-se ver uma analogia deles, nos povos bem policiados, com os tres ramos do poder — o Legislativo, o Executivo e o Judiciario. Só ha ordem, harmonia e paz, com dignidade, nos povos que sabem colocar acima de tudo, acima da força, acima dos interesses poliucos de fações, o direito e a lei. A preponderancia absorvente por parte do Executivo é a tirania; o imperio incontrastado do Legislativo é a anarquia; mas a primazia da Lei põe cobro aos desmandos e assegura a ordem, a unidade e o real progresso do povo.

A Igreja também, durante a sua longa e proficua experiencia, tem frizado ora um ora outro destes officios de Cristo. O Oriente cristão com as suas interminas disputas doutrinarias, procurando encontrar uma formula intelectual de acôrdo entre os cristãos, e acabando no proprio desmembramento, é uma prova de que a função profetica ou legislativa, na Igreja, não pôde ter a hegemonia. E o Ocidente, centralizado em Roma, com o baculo de S. Pedro e a triplice coroa, insignias do poder e da função pastoral, têm-se proposto como centro de unidade do mundo cristão. Mas a cristandade, longe de render-se, submissa, perante os simbolos e credenciais de potestade, fragmentou-se mais ainda, sem esperanza, sequer longinqua, de vir um dia a unificar-se á sombra de uma autoridade religiosa que, hoje mais do que outrôra, tornou-se suspeita pela sua aliança indiscreta com uma facção politica regional.

Resta, portanto, á Igreja dar enfase, como nunca foi dada em grande escala, ao aspecto sacerdotal da reli-

gião de Cristo, tendo como simbolo a cruz e como séde visivel o Altar da Santa Comunhão, que até hoje tem sido injuriado, ou pelas violencias do cetro e do baculo, ou pelo virus da dialética irreverente. O que ha de unificar o mundo não será nem a sabedoria das formulas intellectuais nem o peso da autoridade pastoral, mas o espirito de abnegação, de amor e serviço, de que é simbolo, pe-nhor e garantia o Altar em que os homens se irmanam, despidos de pretensões, porém humildes e contritos, vencidos pela força tremenda do amor de um Deus que se oferece, imolado em holocausto pela redenção e o congraçamento de toda a raça humana.

Renunciando ao caminho estreito e ingreme da cruz, do amor e do sacrificio, unico que leva aos páramos de luz, de vida, de paz e harmonia, vive o mundo cristão desnordeado, á procura de algum oraculo infalivel, que alguns pensam residir no Bispo a quem atribuem o direito ao baculo universal, e outros imaginam vê-lo consubstanciado nos arestos dos grandes concilios ecumenicos dos primeiros seculos, e outros ainda julgam achá-lo em uma Biblia literalmente inspirada e infalivel nos seus minimos detalhes.

Porem o unico centro supremo de unidade e vida é o que se encontra na cruz. Substituí-la, pois, por qualquer outro principio, por mais veneravel que seja, ou mesmo colocá-la para com eles em termos de paridade, é inverter a hierarquia de valores e recair na confusão. Mas onde a cruz é soberana, pairando acima de todos os principios e valores subalternos, percebe-se imediatamente o acento inequivoco da voz unificante do grande Rei e unico Pastor, o que deu a vida pelas suas ovelhas. E estas, por todo o orbe, sem distincões sectarias ou regionais, se reúnem em redor daqueles que, dignatarios da Igreja ou não, vão adeante delas, chamando-as, com paciencia e ca-

rinho, pela unica estrada real do amor e da consagração em que se encontra a vida.

Foi esse o caminho de um S. Francisco de Assis, e o espirito que animou um S. Francisco de Sales, um S. Vicente de Paula, um David Livingstone, como grande missionario, e, modernamente, duas grandes almas, o Cardeal Mercier e o Bispo Brent, de cujos tumulos, ainda frescos, partem vozes soluçantes, deplorando a sorte de uma Igreja dividida, e bradando pela unidade do mundo cristão pela cruz.

E' essa a unica estrada segura que não leva á desintegração do Oriente e do mundo protestante, e nem ás experiencias reacionarias e malogradas do baculo infalivel, mas conduz á verdadeira unidade espiritual e visivel dos homens em Cristo.

E' que na cruz se encontra a verdadeira sabedoria que confunde os sabios deste mundo, e nela tambem o poder de reger e unificar as almas na realização dos seus augustos destinos.

O sinal que congraça povos, raças e linguas, não é uma espada, embora seja a de Carlos Magno; não é um livro aberto, mesmo que seja a Biblia, o melhor dos livros; não é tambem um cajado, ainda que seja o de São Pedro; mas é a cruz, simbolo do amor que se deixa imolar em sacrificio. Espada, cajado e livro têm certo lugar legitimo na vida dos homens e da Igreja; porém o elemento mais alto, soberano, a que os demais devem estar subordinados, é a cruz (1). A Igreja apostolica e primitiva conservou-se unida e forte, não porque possuísse uma autoridade central de pulso ferreo ou qualquer mecanismo aperfeiçoado, mas porque soube pôr sempre na frente, sem hesitações, sem sofismas, o labaro da cruz.

(1) Eph. 1:5-16.

Cristo é o centro da vida, da luz e harmonia. E o Altar da Santa Comunhão, penhor celeste da real presença de Deus com os homens, é, por isso mesmo, a fonte maravilhosa de que brota a mistica torrente, vista pelo profeta Ezequiel, e que se vai avolumando á medida que avança no seu curso, levando a vida, a fertilidade, o salvamento para os homens e as nações.

Mostrar portanto aos homens o rumo do Altar, e prepará-los para receber dignamente o Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, imprimindo-lhes habitos devocionais definidos, distintos, inequívocos, e inspirando neles uma atitude reverente e fraternal, é a grande tarefa que se impõe aos que almejam ver a Igreja forte, unida, fervorosa e radiante, a Santa Igreja Catolica, oferecendo ao mundo o testemunho irretorquível de que Cristo é o unico Senhor, o Autor da Vida e o Principe da Paz.